

# Da *kátorga* ao *láguer*. a prosa de prisão russa nos séculos XIX-XX\*

Yulia Mikaelyan\*\*

**Resumo:** A prosa de prisão russa conta com séculos de história, trazendo uma série de características invariáveis. Entre seus maiores representantes figuram escritores como Fiódor Dostoiévski, Anton Tchékhov, Aleksandr Soljenítsyn, Varlam Chalámov, Serguei Dowlátov, entre outros. O presente artigo tem como propósito delinear um breve panorama da evolução do gênero na Rússia ao longo dos séculos XIX e XX, analisando como as principais obras oitocentistas se vinculam aos textos soviéticos, sobretudo ao romance *A zona* (1982), de Serguei Dowlátov (1941-1990).

**Abstract:** The tradition of Russian prison prose dates back several centuries of history and represents some invariable features. Among its most significant representatives are writers such as Fyodor Dostoevsky, Anton Chekhov, Aleksandr Solzhenitsyn, Varlam Shalamov, Sergei Dovlatov and others. The purpose of this article is to give a brief overview of the evolution of the genre of prison literature throughout the nineteenth and twentieth centuries, as well as to analyze the common traits that link the Soviet texts to the main works of the nineteenth century. The focus of special interest will be the analysis of the novel *The Zone*, by the writer Sergei Dovlatov.

**Palavras chave:** Serguei Dowlátov; Literatura de prisão russa; Fiódor Dostoiévski; Anton Tchékhov

**Key words:** Sergei Dovlatov; Russian prison literature; Fyodor Dostoevsky; Anton Chekhov

## A tradição da prosa de prisão na Rússia pré-revolucionária e na União Soviética: a evolução do gênero e seus principais representantes

\* Artigo submetido em 20 de agosto de 2018 e aprovado em 11 de setembro de 2018.

\*\* Professora da Universidade MGIMO, em Moscou, Rússia, e Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: jmikaelyan@gmail.com

O tema das prisões, dos trabalhos forçados e do exílio é mais do que amplo na literatura russa. Uma das primeiras obras que trata desse tema é *Jitié protopopa Avvakúma* (“A vida do arcipreste Avvakum”), um texto autobiográfico escrito pelo arcipreste Avvakum no século XVII, no qual ele narra a história de seu exílio na Sibéria após o conflito com o patriarca Níkon, por não aceitar as novas reformas da Igreja Ortodoxa. Depois desse livro, o tema surge ao longo dos séculos XVII-XIX em vários textos históricos, jornalísticos e em livros de memórias. Como um exemplo, cabe mencionar as memórias dos dezembristas exilados na Sibéria após a rebelião de 14 (26, segundo o calendário gregoriano) de dezembro de 1825, bastante populares entre os leitores russos em meados do século XIX.

Com certeza, o livro que de fato deu início à tradição da prosa ficcional de prisão na Rússia foi o romance de Fiódor Dostoiévski *Recordações da casa dos mortos*<sup>1</sup> (em russo, *Zapíski iz miórtvovo doma*). Nesse romance, o escritor transformou em ficção sua própria experiência de vida nos trabalhos forçados na Sibéria, onde esteve de 1850 a 1859; passou os primeiros quatro anos nos trabalhos forçados e depois foi para o exílio.

O romance foi publicado em capítulos mensais na revista *Vriémia* (O Tempo), em 1861-1862, e depois, como livro completo, a obra veio à luz mais três vezes ainda em vida de Dostoiévski, nos anos 1862, 1865 e 1875. Nele, o escritor descreve de forma minuciosa a rotina da vida dos prisioneiros, seus costumes e hábitos. A maior parte da narrativa é feita em primeira pessoa pela personagem de Aleksandr Petróvitch Go-

---

<sup>1</sup> Nesse trabalho usaremos o título como tem sido publicado tradicionalmente no Brasil, no entanto é importante mencionar que a tradução do russo mais adequada seria “Recordações (ou cadernos) da casa morta”. A metáfora da casa morta é muito importante para o romance justamente porque, como demonstra o escritor, os que habitam essa casa morta são pessoas vivas, entre as quais há todo tipo de caracteres, de santos a pecadores, e é a casa que pode destruir personalidades mais frágeis, mortificando-as.

riántchikov, um nobre condenado a trabalhos forçados por assassinato e que passa dez anos na prisão, documentando ali a sua vida. A personagem de um prisioneiro não político, mas que cumpria pena pelo assassinato da mulher, permitiu a Dostoiévski dar às *Recordações da casa dos mortos* a forma de uma obra ficcional, e não de memórias. No entanto, o caráter documental, autobiográfico do romance, o destaca de outras obras do escritor tanto pela forma quanto pelo estilo e a linguagem usada.

Na época, *Recordações da casa dos mortos* transtornou a sociedade russa. O romance foi visto pelos leitores como um testemunho vivo da “casa dos renegados”, das condições desumanas em que viviam os presos. No entanto, o próprio Dostoiévski temia, e com toda razão, que o livro fosse lido apenas como um documento das dificuldades da vida na prisão russa, ignorando seu lado artístico e ficcional e os problemas filosóficos nele colocados. Assim, no livro o escritor levanta temas filosóficos, como o problema do crime e do castigo, o problema da natureza humana e da sua liberdade (temas que serão desenvolvidos em seus romances posteriores), o problema das relações entre a nobreza e o povo, entre outros. O primeiro a valorizar a profundidade ideológica e filosófica do romance, vinculando a imagem da *casa morta* a outras instituições sociais russas, foi o crítico e escritor Dmitri Píssariev, em seu artigo *Poguíbchie i poguibáiuschie* (“Os que pereceram e os que estão perecendo”).

O artigo de Píssariev foi escrito com base na comparação da escola russa, descrita no livro *Ótcherki búrsy* (“Ensaio de Bursa”)2, de N. Pomialóvski, com a prisão russa (em russo, *rúski ostrog*) de Dostoiévski. Comparando e demonstrando os defeitos, as deturpações dos dois sistemas, e como elas podem deformar o caráter da pessoa que se vê obrigada a permanecer em tal ambiente, o crítico chega à conclusão de que o destino de uma personalidade isolada é determinado pelo caráter de

---

2 No Império Russo chamavam de *bursa* as habitações das escolas religiosas onde moravam alunos pobres. Ali, os alunos recebiam moradia, comida e roupa gratuitamente, no entanto, como mencionam os historiadores, as condições de vida na *bursa* eram miseráveis, sem mencionar a violência, tanto por parte dos professores quanto entre os alunos.

formação, as condições da vida cotidiana e do trabalho, pelo âmbito de vida em geral:

Falando sobre os trabalhos forçados, é preciso inverter um provérbio conhecido: não é o lugar que embeleza a pessoa, mas é a pessoa que embeleza o lugar, provérbio que, aliás, em nenhum lugar nunca se demonstra correto. Sobre os trabalhos forçados, pode-se dizer que aqui não são as pessoas que estragam o lugar, mas é o lugar que estraga as pessoas. A prisão é terrível não porque ali morem pessoas terríveis, mas porque estas pessoas, nada terríveis, sofrem nela grandes privações e restrições que lhes embotam a mente e estragam o caráter.<sup>3</sup>

Portanto, Píssariév vê as duas obras mencionadas como uma sentença à realidade contemporânea, sublinhando que uma chance de mudar tal sistema social perverso seria mudar as condições de vida e de trabalho, principalmente na prisão, dando assim aos presos e aos criminosos uma chance de se corrigirem. Píssariév valorizou muito o romance de Dostoiévski por seu humanismo e suas ideias democráticas.

A obra de Dostoiévski gerou muita repercussão já durante a vida do escritor, influenciando o fazer literário contemporâneo. Um dos escritores continuadores da linha da prosa de prisão iniciada por Dostoiévski é Piotr Iakubóvitch (1860-1911), escritor e revolucionário, um dos líderes do movimento *Naródnáia Vólia*. Preso em 1884 por sua atividade revolucionária, Iakubóvitch passou quase dez anos nos trabalhos forçados. Seu romance *V mire otviérjennykh* (No mundo dos renegados), publicado pela primeira vez em 1896, retoma sua experiência de trabalhos forçados e até hoje é considerado um exemplo clássico da literatura de prisão russa. O próprio autor sublinhava que, ao escrever o romance, tomara como exemplo *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski: usando-o como um padrão de gênero, Iakubóvitch tinha como objetivo criar uma obra que descrevesse o quadro da realidade da prisão russa dos anos 80-90 do século XIX, quase cinquenta anos depois da experiência de Dostoiévski.

Iakubóvitch usa o romance de Dostoiévski explicitamente

---

3 PÍSSARIEV, 1981. Todas as traduções do russo daqui em diante são da autora do artigo.

como referência, mas também podemos ver “reflexos” e alusões a *Recordações da casa dos mortos* em outras abordagens do tema da prisão, exílio e trabalhos forçados na obra dos grandes escritores russos do século XIX e do começo do século XX. Fazem referências ao livro de Dostoiévski: Liev Tolstói, em seu romance *Ressurreição*, Vladímir Korolenko, em seus contos dedicados ao tema do exílio na Sibéria, Anton Tchékhov, no ciclo *A ilha de Sacalina*, entre outros.

O ciclo de contos de Tchékhov merece uma atenção especial: nele, o escritor fala de sua experiência de viagem a *ká-torjnyi óstrov* (em russo, “ilha de trabalhos forçados”, como a chamam as personagens do livro). Nessa viagem, ele acompanha de perto a vida e os costumes dos prisioneiros e exilados de Sacalina, fazendo uma reportagem quase documental. Em *A ilha de Sacalina*, o escritor menciona que antes da viagem lera o romance de Dostoiévski e o via como um certo modelo a seguir na abordagem do tema. Há várias referências a *Recordações da casa dos mortos* ao longo do livro.

*A ilha de Sacalina*, publicado pela primeira vez na revista *Rússkaia Mysl* em 1893-1894, fez um grande sucesso entre o público e provocou uma repercussão social. A publicação e a polêmica que o livro gerou, com as descrições da miséria na qual viviam os habitantes da ilha, contribuíram para as viagens a Sacalina tanto com fins beneficentes como de pesquisas científicas. As descrições das condições miseráveis e desumanas dos prisioneiros geraram tanta indignação na opinião pública que até chamaram a atenção das autoridades, promovendo reformas e melhorias nas estruturas penais do país: em 1893 foram abolidas punições físicas para mulheres; em 1899 foram abolidos o exílio perpétuo e os trabalhos forçados perpétuos, entre outros.<sup>4</sup>

É importante mencionar que, após a Revolução Bolchevique, durante várias décadas o tema da prisão e dos trabalhos forçados não apareceu mais na literatura, principalmente devido ao autoritarismo ideológico do regime soviético. A primeira obra publicada na União Soviética que retomou o tema foi a novela

---

4 TCHÉKHOV, 2010, p. 8.

*Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*, de Aleksandr Soljenítsin, publicada na revista *Nóvyi Mir* em 1964. A publicação da novela, junto com algumas outras obras que descreviam o “avesso” da vida sob o regime soviético, foi possível nos anos de 1960, conhecidos também como a época do “degelo” (em russo, *ót-tepiel*), devido a uma certa liberalização da censura. *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch* foi a primeira obra a lançar luz sobre o tema dos campos de prisioneiros (em russo, *láguer*) soviéticos, antes totalmente confidencial. A publicação desse texto deu início a uma nova corrente da literatura soviética, que tratava da vida dos prisioneiros dos campos stalinistas, feita normalmente pelos próprios ex-prisioneiros. Mais tarde, essa corrente literária foi denominada como *láguernaiá proza* (“prosa de campo de prisioneiros”), enquanto a prosa dedicada à prisão escrita antes da Revolução denominava-se *kátorjnaia proza* (literalmente, “prosa de trabalhos forçados”).

Outro escritor soviético cujo nome é impossível omitir ao tratar do tema da prosa de prisão na União Soviética é Varlam Chalámov e seu ciclo *Contos de Kolimá*. O escritor, que passou no total dezessete anos nos campos de prisioneiros, levou quase vinte anos criando o seu ciclo, de 1954 a 1973, mas a massa dos leitores soviéticos conheceu sua obra apenas no final dos anos 80: o escritor se recusava a censurar os contos para torná-los assim mais “leves” para o leitor, portanto, não podia publicá-los nas revistas soviéticas. Inclusive, Chalámov reprovava Soljenítsin, acusando-o de “suavizar” demais a realidade do *láguer* soviético para que o conto pudesse passar pela censura e ser publicado. Valéri Iéssipov, pesquisador da obra de Chalámov, cita esse comentário do escritor sobre *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*:

Ao lado do hospital passeia um gato, isso é impossível num campo real de prisioneiros: já teriam comido o gato faz tempo. <...> Deixam o pão no colchão... Comem com colher! Onde se encontra esse campo maravilhoso de prisioneiros? Teria sido bom ficar ali pelo menos um ninho na época.<sup>5</sup>

Os *Contos de Kolimá* saíram pela primeira vez, como um livro na íntegra, em 1978, em Londres.

---

5 IÉSSIPOV, 2007.

Se Soljenítsin introduziu na literatura soviética as imagens do que antes era tabu, desconhecido para as massas, Chalámov atribuiu a essas imagens um grau de saturação estética e emocional. Em sua obra, Chalámov revela tudo o que há de infernal, anômalo, impossível na existência humana num campo de prisão.

Muitos pesquisadores atribuem a Chalámov a invenção do termo *láguernaia proza*. O escritor usa-o em seu manifesto *O proze* ("Sobre a prosa"). Nele, Chalámov afirma que "o tema do campo de prisioneiros" (em russo, *lágueirnaia tema*) é um tema muito amplo, no qual se acomodariam cem escritores como Soljenítsin e cinco escritores como Liev Tolstói".<sup>6</sup>

Nesse manifesto, explicando o interesse do leitor pela prosa de prisão, Chalámov fala das características da nova prosa e da função de seu autor, que recebe um papel inusitado até então: "O escritor não é observador, não é espectador, mas é participante do drama da vida, é participante não na aparência, na função de escritor <...> Aquilo que foi sofrido com o próprio sangue entra no papel como um documento da alma, transformado e iluminado com o fogo do talento".<sup>7</sup>

Varlam Chalámov e Aleksandr Soljenítsin são os representantes mais famosos dessa corrente literária soviética, que ganhou reconhecimento pelos leitores do mundo todo. No entanto, a prosa de prisão soviética tem também outros representantes, menos famosos em escala mundial, mas também estudados na Rússia dentro dessa tradição. Cabe mencionar o nome de ex-prisioneiros do Gulag, como I. Solonóvitch, B. Chiriáiev, O. Vólkov, A. Jigúlin, L. Borodin, A. Siniávski, entre outros. Outro exemplo da prosa de prisão, embora escrito não por um ex-prisioneiro, mas por um ex-carcereiro, é o romance *Zona*, de Serguei Dowlátov.

---

<sup>6</sup> CHALÁMOV, 1998.

<sup>7</sup> Idem.

## As principais características do gênero

Ao analisar a evolução do gênero da prosa de prisão ao longo dos séculos XIX e XX, pode-se destacar algumas características que permanecem invariáveis tanto na *kátorjnaia proza* do Império Russo quanto na *láguernaia proza* soviética.

Em primeiro lugar, a prosa de prisão nunca é meramente ficcional, mas possui traços autobiográficos. O autor da obra em geral teve relação direta com a prisão ou com os trabalhos forçados: a maioria dos escritores que trabalharam nesse gênero foram prisioneiros (ou, no caso de Serguei Dovlátov, o escritor foi segurança de prisão) e, portanto, em sua obra transmitiram a própria experiência de trabalhos forçados e a visão “de perto”, em muitos casos até documental, da estrutura, dos costumes e do ambiente da prisão russa ou soviética. Assim, os maiores representantes, como Dostoiévski, Chalámov, Soljenítsin, foram condenados à prisão e trabalhos forçados; Vladímir Korolenko não chegou a ser preso, mas passou alguns anos no exílio na Sibéria, e presenciou a vida dos que estavam ali nos trabalhos forçados.

Quanto a Anton Tchékhov, o escritor passou quatro meses na ilha de Sacalina e realizou um recenseamento de seus habitantes. Nesse período, ao conhecer e conversar com pessoas do local que lhe contavam suas histórias de vida e os motivos de sua punição com a prisão ou o exílio, ele conseguiu coletar um grande material para a futura obra. As conversas com os prisioneiros, junto com outras impressões, deram um amplo material para o livro, no qual são evidentes duas linhas temáticas que se desenvolvem ao longo da narrativa: a primeira linha, a principal, é a história da viagem à ilha, e a segunda é a descrição da vida de uma pessoa nos trabalhos forçados (e várias vezes, no texto, o escritor chama a ilha de “ilha de trabalhos forçados”, em russo, *kátorjnyi óstrov*). Essas duas linhas se cruzam e se entrelaçam constantemente, formando a unidade estrutural do livro. É importante mencionar a entonação seca e quase protocolar do livro de Tchékhov, que proporciona ao leitor uma sensação de documentário.

Os escritores soviéticos Soljenítsin e Chalámov também descrevem o dia a dia do prisioneiro soviético com minúcia, chamando a atenção para pequenos detalhes da vida cotidiana do *láguer*. Em *Um dia na vida de Ivan Deníssovitch*, o escritor consegue documentar cada ação do prisioneiro Ivan Deníssovitch Chúkhev durante seu dia na prisão, a partir do alarme para levantar até o toque de recolher.

No livro *Zona*, de Serguei Dowlátov, a narrativa se desenvolve no campo de presos criminosos, e o escritor dá muita atenção tanto aos seus hábitos quanto à linguagem e às gírias do mundo criminoso (em russo, *fiénia*). Às vezes os diálogos dos presos entre si são tão pouco compreensíveis para o leitor comum que o escritor faz comentários e notas de rodapé, explicando o significado das expressões usadas.

Ao descrever a vida na prisão, todos os escritores que trabalham com esse gênero, tanto no século XIX quanto no XX, coincidem na percepção da prisão como um inferno na terra. A metáfora dos trabalhos forçados como inferno aparece explicitamente tanto no romance de Dostoiévski quanto nos contos de Tchékhev e Chalámov e no romance de Serguei Dowlátov.

Depois da publicação do romance de Dostoiévski na imprensa russa, os contemporâneos começaram a chamar o autor de “novo Virgílio”, que levava o leitor até o inferno. Uma das cenas do livro em que há uma alusão direta ao inferno é a cena do banho dos prisioneiros:

Quando abrimos a porta dos próprios banhos, pensei que entráramos no inferno. Imagine um quarto de uns doze passos de comprimento e da mesma largura, no qual se apinhavam talvez até cem pessoas de uma vez ou, pelo menos, umas oitenta, pois os prisioneiros estavam divididos apenas em dois turnos, e chegavam aos banhos em torno de duzentas pessoas. Vapor que encobria os olhos, fuligem, aperto a tal ponto que não havia onde colocar o pé.<sup>8</sup>

Anton Tchékhev também usa várias vezes alusões ao inferno ao longo do texto de *A ilha de Sacalina*. Como observa o

---

<sup>8</sup> DOSTOIÉVSKI, 1989, p. 317.

escritor, o inferno de Sacalina começa com a chegada do prisioneiro e acaba com sua morte.<sup>9</sup> Essa ideia até se reflete em certo modo na composição da coletânea: o livro termina com o capítulo sobre o hospital militar da ilha, onde muitos presos acabam seus dias. No entanto, é importante sublinhar que o inferno descrito por Tchékhov não assume dimensões hiperbólicas: tudo é visto pelo escritor “à luz do dia”. Assim, em *A ilha de Sacalina* também está presente o princípio do mundo artístico de Tchékhov: a realidade de Sacalina está descrita em suas dimensões reais, em uma síntese do sério, do terrível e do cômico.

No conto de Soljenítsin, embora não haja referências explícitas ao inferno, as experiências do protagonista Ivan Deníssovitch Chúkhev, camponês que fora condenado a dez anos de prisão por ter ficado preso pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, só podem ser vistas pelo leitor como uma experiência de sobrevivência num mundo infernal. No entanto, o livro de Soljenítsin tem no final certo *pathos* otimista que corresponde à postura ética do escritor: Para ele, uma pessoa honesta e de espírito nobre passa pelo inferno da prisão sem perder suas qualidades. Ao contrário, os sofrimentos ajudam a fortalecer seu espírito.

Já a imagem feita por Chalámov é muito mais sombria e pessimista. À diferença de Soljenítsin, o objetivo artístico de Chalámov é trabalhar “no limite”: as imagens do inferno, do sofrimento humano, aparecem constantemente ao longo de seus contos, e o campo de prisão é explicitamente comparado com o inferno. O escritor reafirma depois tal visão em seu manifesto *O proze*, em que diz o seguinte sobre a experiência infernal da prisão: “Entre as pessoas que voltaram da prisão não há ninguém que viva pelo menos um dia sem lembrar do campo de prisioneiros, de seu trabalho humilhante e horrível”.<sup>10</sup>

O livro *Zona*, de Dovlátov, apesar de possuir alguns elementos de humor, também representa a vida na prisão como algo muito sombrio e destrutivo. O narrador do romance que relata

---

9 TCHÉKHOV, Op. cit., p. 163.

10 CHALÁMOV, Op. cit.

em primeira pessoa a sua experiência, referindo-se à prisão onde ele trabalhou, chama-a de inferno: “Tive o destino de passar pelo inferno”.<sup>11</sup> Mas, logo depois o escritor se corrige, afirmando que o inferno não está em um lugar particular, mas está dentro de cada pessoa, e se revela às vezes tanto na prisão quanto na vida em liberdade.

Descrivendo a prisão como um inferno na terra, todos os autores coincidem em que a prisão não serve como um meio para “corrigir” as pessoas, não as faz melhor; ao contrário, como provam Dostoiévski e Chalámov, em alguns casos são liberados os instintos mais baixos, o pior das pessoas nessa situação extrema. No entanto, Dostoiévski afirma que a prisão não pode fazer de uma pessoa um criminoso se ela não o era antes, mostrando como exemplos as personagens do velho crente e do jovem Alei, no qual muitos pesquisadores veem o protótipo da personagem de Aliócha Karamázov. Soljenítsyn coincide com Dostoiévski nesse ponto de vista: para ele, as pessoas puras e inocentes, como as personagens de Ivan Deníssovitch ou do batista Aliócha, não perdem suas qualidades humanas na prisão.

A mesma ideia, de que a prisão não corrige ninguém, é sustentada por Anton Tchékhev. O escritor demonstra que a pena dos prisioneiros nos trabalhos forçados fazem-nos ainda mais malvados e incrédulos: “o condenado a trabalhos forçados, por mais que seja deturpado e injusto, gosta, acima de tudo, de justiça, e, se não há justiça por parte das pessoas que estão acima dele, então, no decorrer dos anos, cai numa exacerbação de ânimo, numa incredulidade extrema”.<sup>12</sup>

Para Varlam Chalámov, o campo de prisioneiros é o lugar onde as pessoas, em uma situação extrema, são capazes de demonstrar o seu lado mais obscuro e animalesco. Tanto em *Contos de Kolimá* como em artigos, o escritor afirma que não vê nenhuma experiência positiva que pudesse ser tirada da estadia na prisão. Em *O proze* ele avalia a experiência na prisão da seguinte maneira: “Nenhuma pessoa fica melhor nem

---

<sup>11</sup> DOVLÁTOV, 2003, p. 31.

<sup>12</sup> TCHÉKHOV, Op. cit., p.139.

mais forte depois do campo de prisioneiros. O campo de prisioneiros é uma experiência negativa, é uma escola negativa, uma depravação para todos: para carcereiros e prisioneiros, para escoltadores e espectadores, para passantes e leitores de ficção”.<sup>13</sup>

Dovlátov também sustenta a opinião de que a prisão não serve para corrigir os criminosos com os quais convive seu protagonista, Boris Alikhánov. No entanto, ao longo do livro, o escritor defende a ideia de que as diferenças entre o mundo da prisão e o mundo “comum” são muito ilusórias, portanto, na prisão não há nenhum defeito a mais que não houvesse na liberdade. Como o escritor repete várias vezes ao longo da narrativa, em muitos casos os prisioneiros poderiam ser substituídos pelos carcereiros e ninguém perceberia a diferença.

Outro tema que forma um *leitmotiv* de todas as obras da literatura russa de prisão é o tema da liberdade individual (em russo, *svoboda lítchnosti*). A ideia da liberdade como algo imprescindível, a condição principal e a mais importante da vida humana de pleno valor, é uma das ideias principais do romance de Dostoiévski. A aspiração dos prisioneiros à liberdade é descrita e aparece em vários níveis da narrativa tanto na obra dos escritores do século XIX quanto na dos escritores soviéticos. Tal vontade de ter liberdade expressa-se por vários meios: na obra de Dostoiévski e de Tchékhov são fugas dos prisioneiros, venda ilegal de vinho, jogos de cartas, saudades da terra natal. Na obra de Soljenítsin e de Chalámov, são tentativas de fuga das personagens ou tentativas de mudar seu destino.

Em *Zona*, Dovlátov trata a questão da liberdade interior, uma qualidade de caráter que não pode ser tirada mesmo na prisão. Uma das ideias cruciais do romance é que as fronteiras entre a prisão e o mundo, entre os presos e os carcereiros, são muito vagas e que às vezes sequer há diferença entre a prisão e a vida em liberdade. O narrador do romance, ex-carcereiro, afirma que viu a verdadeira liberdade justamente na prisão: “Pela primeira vez eu compreendi o que era a liberdade, a crueldade,

---

<sup>13</sup> CHALÁMOV, Op. cit.

a violência. Eu conheci a liberdade atrás das grades”.<sup>14</sup> A ideia da liberdade interior é personificada na personagem do criminoso Kuptsóv, que prefere cortar a própria mão a trabalhar. Quando o carcereiro tenta forçá-lo a trabalhar, Kuptsóv pega um machado e corta a própria mão.

## **Zona, de Serguei Dowlátov: um outro olhar sobre a prosa de prisão soviética**

Serguei Dowlátov, um dos maiores prosadores da assim chamada terceira onda de emigração russa, que ocorreu nos anos 70-80 do século passado, emigrou para os EUA em 1978. Proibido de publicar em casa (na URSS sua obra era distribuída através de *samizdat* e *tamizdat*), o próprio Dowlátov sempre confessou que fora embora da União Soviética para ser escritor.

O romance *Zona*, publicado pela primeira vez na emigração, em russo, em 1982, foi seu quarto livro publicado. No entanto, o escritor começou a trabalhar no texto ainda no início de sua carreira literária: alguns de seus fragmentos foram escritos nos anos 1964-1965, logo após sua volta do serviço no exército soviético, onde fora carcereiro de uma colônia penal na República de Kómi. O romance não tem uma unidade narrativa: é feito como uma coletânea de contos isolados que formam capítulos do livro, cada um dedicado a uma personagem ou acontecimento que teve lugar na prisão. Cada capítulo é antecipado por uma carta do escritor ao seu editor que contém reflexões tanto sobre o enredo e as personagens do capítulo quanto sobre a prisão soviética e a literatura contemporânea.

Como o romance veio à luz quando Soljenítsin e Chalámov (Soljenitsin recebera o Prêmio Nobel em 1970) já eram mundialmente famosos e o gênero da prosa de prisão soviética estava no auge da popularidade, Dowlátov tentou se afastar da tradição gerada por esses dois escritores e apresentar um olhar diferente sobre prisão soviética. Assim, o protagonista

---

<sup>14</sup> DOVLÁTOV, Op. cit., p. 20.

de seu romance não é um prisioneiro, mas um soldado que trabalha como carcereiro durante o serviço no exército; na prisão onde ele está não há presos políticos, todos os personagens são criminosos que estão cumprindo pena. Junto com o dia-a-dia dos prisioneiros, o autor retrata o dia-a-dia dos soldados que estão ali a serviço. Um dos *leitmotiv* da narrativa é a ideia de que entre o mundo dos presos e dos carcereiros (ou, mais amplamente, das pessoas livres) há pouca diferença: em várias situações ao longo do livro os prisioneiros e os soldados trocam de lugar, às vezes no sentido metafórico (os soldados aparecem cometendo um estupro coletivo, e os presos se apaixonando e escrevendo cartas românticas ao objeto de seu amor), às vezes literalmente: há uma cena na qual o escoltador tem uma crise nervosa e o prisioneiro precisa levá-lo para o hospital.

Dolvátov coloca conscientemente para si o objetivo de distanciar-se da visão do campo de prisioneiros gerada tanto por Soljenítsin quanto por Chalámov: o escritor menciona isso em várias entrevistas e até no texto de *Zona*. Sobre as diferenças de seu romance e a prosa de Soljenítsin, ele fala em uma de suas “cartas ao editor”:

Nossos livros são totalmente diferentes. Soljenítsin descreve os campos políticos. Eu, os criminosos comuns. Soljenítsin era prisioneiro. Eu, carcereiro. Segundo Soljenítsin, a prisão é um inferno. E eu acho que o inferno somos nós mesmos...<sup>15</sup>

Apesar do desejo de não parecer em nada com os maiores representantes contemporâneos da prosa de prisão e da visão um tanto dissidente do *láguer* soviético, Dolvátov afirmava ter se inspirado e mesmo sido influenciado pela literatura clássica russa e, em particular, pelo romance *Recordações da casa dos mortos*, de Dostoiévski.

O escritor sempre falou da importância da literatura clássica para o seu fazer literário, e alusões a escritores clássicos russos, como Púchkin, Dostoiévski ou Tchékhov, entre outros, estão muito presentes em toda a sua obra. Em *Zona*, Dolvátov faz várias referências ao romance de Dostoiévski que se reve-

---

<sup>15</sup> Ibidem, p 12.

lam tanto na composição da narrativa quanto na construção das personagens. Como no romance de Dostoiévski, na composição de *Zona* há capítulos dedicados aos hábitos dos prisioneiros, ao hospital da prisão, à fuga e há até a uma cena de apresentação teatral.

O capítulo que retrata a apresentação teatral encerra o livro (depois dele, há o epílogo) e faz uma alusão clara a *Recordações da casa dos mortos*. No entanto, Dowlátov atribui à cena um tom totalmente diferente: se o livro de Dostoiévski trata de uma experiência séria, catártica e até purificadora para os presos, em seu livro Dowlátov constrói uma imagem irônica e grotesca: os presos de *Zona* montam uma apresentação teatral sobre a vida de Lênin que acaba sendo sabotada, pois durante o discurso final de Lênin, ideológico e otimista, os presos não conseguem conter o riso:

Finalmente Vladímir Ilitch deu um passo ao microfone. Permaneceu calado alguns segundos. Depois seu rosto encheu-se da luz da previsão histórica.

– Quem são esses?! - exclamou Gúrin.<sup>16</sup> Quem são?!

Da escuridão olhavam para o líder caras magras e pálidas.

– Quem são? De quem são esses rostos jovens e felizes? De quem são esses olhos brilhantes e alegres? Será que são os jovens dos anos setenta? <...>

– Será que são aqueles em nome de quem nós erguíamos barricadas? Será que são os belos netos da revolução?

Primeiro começaram a dar risadas inseguras na primeira fila. Em um segundo todo mundo já estava dando gargalhadas. No coro comum ouvia-se a voz grave do major Amóssov. <...>

– Invejo-os, mensageiros do futuro! Foi para vocês que acendemos as primeiras luzes dos novos edifícios! Foi para vocês que... Escutem até o fim, seus cães! Só falta uma titica de nada!..

A sala respondeu a Gúrin com um uivo terrível que não diminuía.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Gúrin é o sobrenome do prisioneiro que interpreta o papel de Lênin.

<sup>17</sup> Ibidem, p.150.

Assim, a imagem do líder soviético e o *pathos* de seu discurso acabam sendo carnavalizados tanto pelo fato de o ator que interpretava o papel de Lênin ser um ladrão reincidente quanto pelas últimas palavras, de registro totalmente coloquial, usadas por ele para chamar a atenção do público.

A cena da apresentação teatral é muito representativa para a obra de Dovlátov, pois nela se reflete um dos principais procedimentos que o escritor usa em sua poética e que forma a marca de seu estilo: a alternância do cômico com o sério, dramático. Assim, em praticamente todos os seus textos os fragmentos sérios e até dramáticos se diluem pelos episódios humorísticos. Tal habilidade em combinar o senso de humor com o do drama foi altamente valorizada pelos críticos. Igor Sukhikh, um dos principais pesquisadores da obra de Dovlátov na Rússia, apontava que a melhor prosa de Dovlátov baseia-se justamente na tensão entre esses dois polos opostos, o humorístico e o dramático.<sup>18</sup>

*Zona* não é um livro humorístico, ao contrário, nele abundam cenas “pesadas” da vida na prisão; no entanto, cada capítulo possui algum elemento de humor, o que atribui certa leveza à narrativa e, com certeza, nisso a obra de Dovlátov também se diferencia da de seus contemporâneos que trabalhavam com o gênero da prosa de prisão.

## Conclusão

A importância da prosa de prisão russa consiste no fato de que, gerada por autores que tiveram contato direto com a realidade da prisão e possuindo um valor quase documental, ajuda a compreender melhor os processos históricos e sociais tanto no passado quanto no presente. Todas as obras que tratam do tema da prisão russa e soviética revelam para os leitores e pesquisadores as peculiaridades do regime político e das relações sociais que existiam no país na época.

---

<sup>18</sup> SUKHIKH, 2012, p. 32.

No sentido filosófico e moral, as obras da prosa de prisão têm extrema importância ao revelar as profundezas da psicologia humana. Todos os textos mencionados demonstram como, em situações extremas, um ser humano tanto é capaz de elevar-se espiritualmente quanto de sofrer várias formas de queda moral. Isso nos remete à questão existencial do papel de cada indivíduo na construção da realidade a sua volta e, no caso, do regime que permite as atrocidades descritas nas obras da literatura de prisão. Todos os escritores da prosa de prisão russa, apesar das diferenças estéticas e de sua variedade estilística, coincidem na ideia de que a existência do sistema penal, com todos os seus defeitos, não recai exclusivamente no governo ou no sistema político vigente, mas na sociedade que constrói e apoia tal sistema político e, de modo existencial, na natureza humana. Essa ideia pode ser ilustrada com as seguintes palavras do protagonista de *Zona*: “Nós amaldiçoamos sem parar o camarada Stálin, e, sem dúvida, com toda razão. Mesmo assim, quero perguntar: quem escreveu quatro milhões de delações? (Essa cifra aparecia nos documentos internos do partido)”<sup>19</sup>

## Referências bibliográficas

CHALÁMOV, V.T. “O Proze”. In: V.T. Chalámov. *Sobránie Sotchiniénii v 4 tomakh*. Moscou: Khudójestvennaia Literatura, VAGRIUS, 1998.

Disponível em: <http://shalamov.ru/library/21/45.html>

DOSTOIÉVSKI, F.M. “Zapíski iz Miórtvovo Doma”. In: F.M. Dostoiévski. *Sobránie Sotchiniénii v 15 tomakh*. Vol. 3. Leningrado: Naúka, 1988, pp. 205-481.

DOVLÁTOV, S.D. “Zona”. In: S.D. Dowlátov. *Zapoviédnik*. São Petersburgo: Ázbuka, 2003, pp. 9-172.

IÉSSIPOV, V.V. *Chalámov i Soljenítsin: odin na odin v istoricheskom prostránstve*, 2007.

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 77.

Disponível em: <http://shalamov.ru/research/102/#n42>

PÍSSARIEV, D.I. Poguíbchie i Poguibáiuschie". In: D. I. Píssariev. *Literatúrnaia Krítica*. Vol. 3. Leningrado: Khudójestvennaia Literatura, 1981, pp. 50-116.

Disponível em: <http://www.pisarev.net.ru/lib/al/book/3360/>

SUKHIKH, I.N. "Serguei Dowlátov: Proza po Kraiám". In: S.D. Dowlátov. *Uróki Thtiénia*. São Petersburgo: Ázbuka, 2012, pp. 7-36.

TCHÉKHOV, A.P. *Óstrov Sakhalin*. São Petersburgo: Ázbuka-Klássika, 2010.